

----- / ----- / ----- / ----- / ----- / ----- / -----
----- / ----- / ----- / ----- / ----- / ----- / -----

ÓRBITA

escrito por Luiza Goulart

----- / ----- / ----- / ----- / ----- / ----- / -----
----- / ----- / ----- / ----- / ----- / ----- / -----

Prólogo - O sumiço de João

Houve um desaparecimento. Uma pessoa que vive, convive, relaciona-se com o mundo. Em um instante, ele sumiu. Não é um sequestro, tampouco um crime qualquer. Houve um desaparecimento. Do mundo formal como conhecemos. Pode ser que ele esteja em outra dimensão, pode ser que ele esteja experimentando outro ponto de vista. Mas houve um desaparecimento e estamos lidando com ele. Estamos tentando montar um quebra-cabeça a partir de pessoas que conheceram o desaparecido. Vamos tentar entender. Houve um desaparecimento. João sumiu.

João (mensagem não enviada)

Cara, antes de qualquer coisa, lê esse link que te mandei. É sobre um assunto que está me estimulando muito: o paradoxo da informação em buracos negros. Li essa matéria da BBC ontem. O que acontece dentro de um buraco negro é como o que acontece entre corpos diversos que têm, em comum, uma relação.

1 - As leis da física

Cientista

A medida em que se entra profundamente no buraco negro, o espaço torna-se mais curvo até que, no centro, ele se torna infinitamente curvo. Isso é a singularidade dele, é onde as leis da física - como as conhecemos, baseadas em tempo e espaço - não se aplicam mais. Ou seja, existem muitos debates científicos em relação ao que realmente acontece quando um corpo adentra um buraco negro, além do fato de ele não conseguir sair, claro. Teorias da relatividade e da mecânica quântica se chocam quando aplicadas ao universo específico do buraco negro. Mas o que chama atenção é que, no instante que se entra no buraco negro, a realidade se divide em duas. Em uma realidade, a que é vista de fora, a pessoa seria instantaneamente queimada; na outra, que é vivenciada de dentro, a pessoa mergulharia no buraco negro totalmente ilesa.

Para facilitar, vamos imaginar que duas pessoas, você e eu, estejamos no espaço sideral fazendo o que se faz lá. E, apesar de conhecermos os perigos dos buracos negros, um de nós, vamos supor que seja eu, que gosto mais de riscos, me deixo levar pela potência da curiosidade. E vou sendo puxado por esse infinito espiral que é o início da experiência mais surpreendente que eu certamente vivenciarei.

A gente combina uma forma de eu me comunicar com você lá de dentro, para te mandar informações de como é a experiência. Como não existe som no espaço, podemos falar apenas através de luz. E já desenvolveram um aplicativo de celular que produz código morse. Então logo que eu sou sugado, te mando a mensagem: TUDO BEM.

- ..- -.. --- / -... . --

Só que, a medida em que eu vou me afastando da superfície e aprofundando no buraco negro, o tempo vai alargando e eu me desloco cada vez mais devagar. Para você que está fora, isso é possível enxergar na mensagem, que vai se dilatando:

TUDO BEM. T U D O B E M. T U D O B E M. T U D O B E M
T U D O B E M T U D O B E
M T U D O . . .

Até que você vê meu corpo paralisar, como se um botão de *pause* tivesse sido acionado. Em seguida, um grande calor lava meu corpo, que sucumbe a ele e se desmaterializa em forma de explosão.

No entanto, se olharmos sob o ponto de vista de dentro do buraco negro, a situação é outra: eu vou me deslocando para dentro do buraco negro, para o chamado “horizonte de eventos”, que é o ponto do não-retorno. A partir dele, a luz emitida de um lado do horizonte nunca chega ao observador, assim como tudo o que o cruza nunca mais é visto. Não é mais possível voltar e escapar dele, uma vez que se cruza o tal horizonte.

Cientista

Como seria essa sensação, em termos palpáveis? Você está sendo sugado em direção a uma ruptura de tempo e espaço, sendo carregado sem que possa voltar atrás, sem que possa retornar para onde estava. Como seria essa sensação?

Dentro do buraco negro, eu poderia viver a duração de uma vida inteira sem chegar ao momento em que cruzaria a linha do horizonte, por causa da imensidão de seu tempo. A sensação seria a mesma que temos em nossa vida, na relação irreversível com o tempo: ele acontece e não conseguimos voltar atrás.

foi essa pessoa; ele não sabia lidar com a subjetividade dele. Era sempre necessário estabelecer tudo de forma precisa, era comum fazer afirmações, definir posições, deixar clara sua opinião. Não havia dúvida, não havia interpretação, não havia entrelinha. Havia muito pouco espaço vazio.

Trauma.

Então, quando se pergunta como ele é, eu preciso de uma pausa. Depende da referência. (É difícil organizar essa resposta)

Cientista interrompe sua fala.

Cientista

A ciência apenas fortalece uma ideia que, pra mim, é a fundamental certeza que temos que ter: o maior segredo que o buraco negro revela é que não existe apenas uma realidade na experiência de vivenciar e de observar um buraco negro. Ela varia de acordo com o ponto de vista.

Teresa concorda com a cabeça e continua.

Teresa

Depois, com o tempo, fomos construindo nossa verdade. *(Pausa e olha para Cientista)* Nossa verdade comum a nós dois. *(Pausa e olha para Cientista)* Uma verdade aparentemente comum a nós dois.

(Pausa. Olha para cientista) Uma verdade comum, talvez só pra mim.

Ela pausa por mais um tempo, respira fundo como quem está se forçando a não falar nada da boca pra fora. Como quem precisa de um motivo para não sair falando, como quem apenas não pode falar por estar inspirando ar. Teresa e Cientista se olham longamente, como se conversassem por telepatia. Quando ela está na iminência de abrir a boca, cientista some dali.

Teresa

Ele é uma pessoa amável e correta, que sempre deixava tudo muito claro. Como disse, era tudo claro demais, sem muitas sombras. Isso parece uma liberdade mas, na prática, funciona como uma prisão. Éramos felizes.

Ela olha em volta pra checar se Cientista está por perto.

Teresa

Eu tenho certeza disso. Éramos felizes naquele momento. Havia uma plenitude, uma confiança na força de nós dois. Tudo corria bem. Nosso encaixe era perfeito. Nossos encaixes. Havia muitos, de diversos tipos. Na cama, antes de dormir, sempre brincávamos de encaixar nossos corpos de jeitos inusitados. Era como se não estivéssemos prontos para dormir até nos posicionarmos assim, de um novo jeito. O encaixe funcionava como um “boa noite, meu amor”.

Ela pausa, como que relembrando, como que sentindo falta de um corpo que se encaixe no dela.

Teresa

Ao mesmo tempo em que amávamos estar na companhia exclusiva do corpo do outro e de tantos encaixes que eram possíveis, a nossa dinâmica funcionava muito em grupo. Adorávamos festa, ele especialmente. Eu sempre fui muito mais caseira, mas realmente ele me puxava pra noite, pros encontros com amigos, pras celebrações. A nossa energia fluía perfeitamente. Estávamos juntos mesmo em grupo, e quando conversávamos com outras pessoas, às vezes ficávamos longos períodos na festa sem nos comunicar. Daí nos olhávamos de longe, fazíamos um gesto carinhoso, ou então ele me trazia um drink quando percebia que o meu havia acabado, e depois voltávamos para nossos assuntos particulares com nossos amigos. Era uma dança deliciosa, um equilíbrio entre estar juntinho e estar a uma distância, mas saber que se está acompanhado de um amor. Era uma relação leve, um amor sereno. Havia uma maturidade imensa, apesar da pouca idade.

Cientista

Existe a minha realidade e existe a sua realidade.

Teresa

Isso... Tava tudo muito bom, até que, na volta de uma festa, ele falou aquilo. A gente tinha se divertido muito, era madrugada, quase de manhã. Entramos juntos no chuveiro pra um banho quente antes de deitar. Rimos, estávamos um pouco bêbados. Sentamos no chão do box, ficamos relembrando os momentos engraçados da festa, comentamos os acontecimentos, fofocamos um pouco. Tinha muita fumaça, a água estava pelando. Brincamos de desenhar no vapor do vidro. Em seguida deitamos na cama, nos encaixamos. Apagamos a luz. Tudo normal. E então ele falou.

João (na lembrança de Teresa)

Eu acho que a gente deveria se separar.

Teresa

Era uma opinião, uma sugestão, uma suspeita? “Eu acho que”. Eu acho que vai estar frio. Eu acho que queijo é melhor do que presunto. Eu acho que Caetano é melhor do que Chico. Eu acho que a gente deveria se separar? Ou eu quero me separar?

Cientista

Assim como uma pessoa surda sabe que o som existe, mesmo nunca tendo ouvido, os cientistas também tinham a convicção de que as ondas gravitacionais existiam, apesar de nunca as terem captado. Eles achavam que elas existiam, até comprovarem, em 2015. Alguns cientistas acham que um buraco negro é muito mais uma fonte de vida do que uma fonte de morte, por exemplo.

Teresa

Depois disso, ele passou a ser uma pessoa cheia de percepções até então ocultas sobre nosso relacionamento. Parecia que havia aberto uma caixa preta, a caixa preta que registrou a trajetória de nossa vida em comum. Tudo que parecia claro e límpido antes desapareceu. As certezas todas, as lacunas preenchidas, a transparência com que vivíamos nossa existência de casal. Aquilo acabou comigo. Eu nunca mais tive uma certeza em relação a ninguém. Nos meus pesadelos, virei uma desconfiada. Passei a suspeitar de todo e qualquer relacionamento. Me desequilibrei, me transformei numa louca, uma ciumenta, descontrolada. Passei a ser tudo o que mais criticava, passei a agir como os homens retratam a mulher histérica. Vivi como o estereótipo que eu sempre combati. A mulher encurralada, que se sente cercada, que tenta sobreviver de algum jeito à desconfiguração do seu meio.

Cientista

O que acontece quando você cai num buraco negro? Você plana livremente e vive uma vida normal, graças a uma realidade que é estranhamente dependente do observador? Ou você se aproxima do horizonte do buraco negro somente para colidir com a mortal parede de fogo?

Teresa

Não pude viver uma vida normal. Colidi com a parede de fogo imediatamente.

Joaquim

Esse livro, foi ele quem me deu. Eu gostava muito de ler, e a dona Lili, do 202, sempre me emprestava livros. Ela era uma viúva muito simpática, professora aposentada. Eu cuidava das plantas dela quando ela viajava para visitar a filha no interior. Uma vez perguntei se ela já havia lido todos os livros que tinha na estante, e ela falou “Joaquim, quem gosta de ler tem muito livro que não leu na estante, porque está sempre curioso para ler mais e mais”. Achei a fala dela tão bonita... Nesse dia, ela me emprestou um livro, e disse que teria muito prazer em me emprestar livros sempre. Ela virou uma espécie de mentora, uma pessoa que me direcionava o que ler. A gente conversava muito, era uma boa amiga. Tomávamos café juntos, ela me chamava quando precisava de alguma coisa e me ajudou quando meu filho mais velho nasceu, volta e meia ela se oferecia para cuidar dele. Até arrumou uma vaga pra ele na escola em que havia trabalhado, com bolsa integral. Era uma pessoa iluminada. Quando ela ficou doente e foi morar no interior com a filha, me deixou uma caixa de livros de presente e um bilhete me incentivando a prestar vestibular. Anos depois, ela faleceu. O apartamento ficou alugado por uns anos, depois ficou vazio por um tempo e a filha dela decidiu vender, fez uma pequena reforma e colocou no mercado. Deixou a chave comigo e me dava uma graninha para que eu mostrasse aos interessados. Tô contando isso porque tem a ver com ele e com o livro. Foi assim que a gente se conheceu, ele veio ver o apartamento da Dona Lili. Gostou muito, logo de cara. Depois voltou pra ver com a namorada, depois com um amigo arquiteto e, finalmente, fechou o negócio. A filha da dona Lili contou da minha relação com a mãe, ele me falou que também tinha muito livro e que poderia continuar usando o apartamento 202 como biblioteca. Mas não foi exatamente o que aconteceu.

Joaquim ri. Parece ter ficado nervoso e ri mais; tenta recomeçar a contar o caso e ri ainda mais. Vai se desculpendo por não conseguir parar de rir, vai se enrolando no riso que vira uma gargalhada meio descontrolada. Quando parece estar no auge do descontrole da gargalhada, Teresa parece reconhecer algo, dá uma olhada como se procurasse alguma coisa no escuro, vai até mais perto de Joaquim.

Teresa

Essa risada parece do... Joaquim?

Joaquim tenta se esconder dela.

Teresa

Joaquim, é você? Lembra de mim? Teresa, que morou no apartamento 202?

Joaquim tosse para controlar o riso, recupera o fôlego, seca as mãos nas calças.

Joaquim

Claro, dona Teresa, como vai a senhora?

Teresa olha um pouco desconfiada, tentando puxar na memória alguma informação que está esquecida. Mas sorri pra ele e chega mais perto, para dar um abraço.

Teresa

Como vai a família? A Lili deve estar uma moça, né?

Joaquim mostra uma foto para ela.

Teresa

Uau, tá linda! Com a mesma carinha de sapeca. E a faculdade, terminou?

Joaquim

Parei no quinto período, as coisas apertaram, não consegui dar conta, dona Teresa...

Teresa

Acontece, eu tranquei duas faculdades até conseguir me formar, na terceira tentativa! Mas nunca é tarde para estudar e você é muito aplicado, um dia termina. Deixa eu ir, manda um beijo pra esposa e pro filho, mas manda um especial pra Lili, a queridinha do prédio!

Joaquim

Pode deixar, dona Teresa. A senhora vai com Deus.

Teresa

A gente - o João e eu - morou num prédio em que o Joaquim era porteiro. Era o porteiro-chefe. Morava com a família num apartamentinho no play. Muito simpático. Ele cuidava do nosso gato quando a gente viajava. Depois a filhinha dele passou a cuidar, a pedido dele, que só nos deixava pagar em livros, nunca em dinheiro. A gente brincava que o Joaquim era o porteiro perfeito pra nossa síndica, porque tinha TOC. Era um tal de plaquinha pra tudo: na porta do elevador, um aviso. Dentro, outro aviso. Ele inventou um quadro de avisos no corredor de serviço e escrevia tudo

no computador, de forma muito caprichosa, com pequenos desenhos. Ele se esforçava para informar sobre o que podia ou não fazer no prédio. E a gente adorava burlar as regras do prédio só por diversão, quase com medo do Joaquim nos descobrir, tinha um aspecto um pouco infantil, me lembrava do prédio da minha infância. O Joaquim era um homem muito delicado. Muito. Um aspecto frágil, apesar de ser um homem grande. Mas ficava bravo com a desordem mesmo e podia ser ríspido, apesar da delicadeza. Teve um momento em que o Joaquim começou a colocar muitas frases religiosas no quadro de avisos do prédio e isso incomodou muito a gente, especialmente João, que não gostava de misturar as coisas. Ele ficou tão incomodado que interfonou para reclamar com a síndica. Ela também era uma pessoa bem religiosa, que concordava com aquelas mensagens, e eles discutiram.

João (na lembrança da Teresa)

Isso é um absurdo, as pessoas tentam impor suas preferências, e a gente tem que engolir esses sapos senão parece que não tem sensibilidade. A síndica me disse que o Joaquim é um homem muito respeitável e fiel a Deus. Disse que faz trabalho de catequese na igreja com ele. Teresa, eu tenho certeza que o Joaquim é gay. Ele me olha de uma forma assustadora às vezes, eu vejo que ele repara no meu pau quando está na portaria. Sempre que vai me entregar algo, ele faz questão de tocar em mim. Ele é um viado enrustido e tá tentando fugir da verdade dele através da igreja. Ele é um coitado, que merda.

Cientista

Existe a minha realidade e existe a sua realidade.

Joaquim

Ele me deu esse livro na semana antes de se mudar. Ele estava encaixotando e se desfazendo de muita coisa, pois ia mudar pra um apartamento menor. Tinha se separado da Dona Teresa. Meu filho ficou com um monte de roupas que ele doou, o resto eu levei pra igreja. Eu perguntei se ele não tinha uns livros pra biblioteca da igreja e ele disse que não, mas que tinha um pra me dar de presente. Esse aqui: Moby Dick. Eu li inteiro nessa mesma semana, comecei na quarta e terminei no domingo à noite. Na semana seguinte, ele estava muito ocupado e eu não consegui comentar como tinha adorado o livro. Eu tentei... mas não consegui falar. Acho que me emocionaria ao falar do livro e ficaria com vergonha. No dia da mudança, o caminhão que ele contratou chegou muito atrasado e, quando chegou, não conseguiu vaga na rua. Então a mudança dele começou muito tarde, quase cinco da tarde. E eu tive que

subir no 202 para informar que o horário de mudança permitido pelo condomínio era até 18h. Ele falou que sabia, mas que talvez atrasasse um pouco e pediu pra eu ter paciência. Claro, gostava dele, tínhamos uma relação boa. Mas não sou eu que faço as regras, falei pra ele. Quando deu 19h30, mais ou menos, a síndica interfonou perguntando se já havia terminado a mudança e eu falei que estava no fim, pra ela não se preocupar. Mas era mentira... ainda faltava muito, pelo que percebi e tinha aqueles problemas de mudança: móvel que não entra no elevador, essas coisas... Quando deu a hora do jornal, fui lá de novo. Falei pra ele que a síndica estava me pressionando, que ele precisava interromper e continuar no dia seguinte. Foi aí que ele me ofendeu. Ele virou pra mim na frente dos caras da mudança:

João (na lembrança de Joaquim)

Ah, Joaquim... Por favor, né? Pára de viadagem, tá com medo da síndica? Pelo amor do seu bom Deus, meu querido, vai lá ver sua novela e pára de cena, que os homens aqui estão pegando no pesado. Não tem nenhum salmo sobre paciência para você colar no mural? Já tá acabando. Vai, Joaquim, me deixa em paz, já já vou embora.

Joaquim

Quando eu dei as costas e saí do apartamento, ouvi os caras rindo de mim e um deles me imitando, com uma voz fininha. Eu entrei no elevador e quando ele subiu eu apertei o botão de emergência. Não consegui parar de chorar até ouvir alguém batendo na porta do elevador e perguntando se tinha alguém preso. Subi pro terraço do prédio, onde ficavam as máquinas, e tentei me acalmar. Era uma noite cheia de neblina, mal se via o céu. Um céu branco, sem estrelas.

Implosão.

..... / / / / /
..... / / / / /

4 - Imprecisão

Maria parece não gostar de onde está. Troca de lugar algumas vezes, até que parece que foi pressionada a começar a falar.

Maria

Pronto, pode começar. Eu me chamo Maria. Liguei pro João ontem, tínhamos combinado de jantar e ele não apareceu. Sou amiga dele desde

a infância. Mas ficamos mais de uma década sem nos ver, eu morei fora muito tempo e a gente perdeu o contato. Acho que foi há uns 8 anos que nos reencontramos e retomamos a amizade. Não, acho que foi 9 anos atrás, ou 8? Tenho que fazer as contas. 8, 9, por aí... Ele tinha se separado de uma namorada meio louca que o tinha deixado bem traumatizado. Estava num momento turbulento, sabe, quando as coisas não estão bem e passam como um vendaval pela vida das outras pessoas? Depois teve outra namorada que também parecia meio desequilibrada. Desculpa, não tô falando desequilibrada mesmo, psicologicamente falando. Quis dizer que o relacionamento não ia bem. Enfim, você sabe como é. Quando um relacionamento não vai bem, digo. A gente estava muito próximo no período que ele se mudou, e decidiu mudar mesmo. Mudar tudo. Mudar de bairro, mudar de tipo de vida, mudar de carreira. Estava muito insatisfeito, e queria recomeçar. Não anota isso, não. Isso é o meu ponto de vista, ele nunca falou exatamente essas palavras. Ele não estava bem, isso era um fato.

Cientista

Existe a minha realidade e existe a sua realidade.

Reduz o ritmo, acalma-se, procura o cerne do assunto.

Maria

O episódio da mudança mexeu muito com ele, mas ele nunca falou disso comigo, eu que interpretei. A gente conversava pouco, nossa amizade era dessas amizades em que existe uma tolerância muito grande, um carinho imenso, mas em algum lugar existe um constrangimento qualquer que faz com que as pessoas se escondam um pouco. Mas a gente sabia ler muito bem o outro. Foi ele quem me deu a dica mais preciosa da minha vida: ele apontou pra mim um dia e falou que eu deveria pedir demissão e abrir minha própria empresa. Ele tinha razão. Bem, a gente conversava muito sobre trabalho, ele era um ótimo consultor, uma pessoa que olhava de fora e diagnosticava precisamente uma empresa, ou uma pessoa, ou uma relação. Sou eternamente grata a ele, por ele ter me falado o que pensava, e por ter me incentivado a arriscar. Ele sempre gostou de riscos. Quando as coisas estavam muito calmas, muito tranquilas, ele gostava de jogar uns dados para ver onde apostar. Estava sempre caçando novidades. Caçando é um termo ruim, né? Parece que tem um objetivo terrível, não era o caso. Quis dizer caçando no sentido de “buscando”. Ele estava sempre buscando novidades. Procurando novidades. Sinônimos, né, mas era isso.

Pausa.

Tínhamos uma amizade muito especial, eu contava muito com ele. Quando você me perguntou se tinha alguma história diferente, algo que chamasse a atenção... A gente estava almoçando e ele encontrou um vizinho do prédio em que morou por muito anos. Rolou aquele papo de ex-vizinhos, perguntando da família, do prédio, da síndica. Daí o cara falou que o prédio nunca mais tinha sido o mesmo depois do incidente com o porteiro. Ele não sabia o que tinha acontecido. “Ué, você não ficou sabendo? O Joaquim morreu. Ele caiu do terraço. Achei que tivessem te avisado. A esposa dele contou que ele amava ler no terraço e ele deve ter escorregado, estava chovendo. Ele foi encontrado com um livro na mão, coitado.”

Joaquim

Moby Dick

Teresa

Não fiquei sabendo da morte dele, que triste... Mas será que ele caiu ou será que...

Maria

Eu puxei o assunto algumas vezes mas ele desconversou, acho que não queria comentar. Deve ter mexido com ele, uma morte inesperada e trágica, de alguém próximo, mas não íntimo, né?

Teresa

Nossa, que dó. A Lili devia ter uns 12 anos...

Maria

Vocês querem saber mais alguma coisa? Não houve exatamente uma ruptura depois disso, mas ele acalmou um pouco.

Cientista

Se olharmos sob o ponto de vista de dentro do buraco negro, a situação é outra: vou me deslocando para dentro do buraco negro, para o chamado “horizonte de eventos”, que é o ponto do não-retorno. A partir dele, a luz emitida de um lado do horizonte nunca chega ao observador, assim como tudo o que o cruza nunca mais é visto. Não é mais possível voltar e escapar dele, uma vez que se cruza o tal horizonte.

Maria

João (na lembrança de Raimundo)

Ficar sentado assim deve ser péssimo para a sua coluna, né?

Raimundo

Ele fez uma série de perguntas, sobre ensaio, dieta, viagens. Me pareceu um homem curioso. Uma pessoa que quer ter mais informação sobre um assunto que não domina, que tem interesse na história dos outros. Ele perguntou qual havia sido último personagem que eu havia interpretado, e eu falei que havia sido Onegin, que ele não conhecia. Eu expliquei sobre a ópera e ele se entusiasmou quando entendeu que eu era o protagonista. Riu que estava sendo levado ao centro da cidade pelo Barishnikov brasileiro, e que deveríamos fazer umas piruetas quando conseguíssemos atravessar o trânsito caótico pra comemorar.

João (na lembrança de Raimundo)

Você não tem receio de não ser mais protagonista depois dessa pausa? Por que não procura outra companhia de dança, já tentou?

Raimundo

Quando a gente está no palco, eu falei, não importa tanto ser protagonista ou ser coadjuvante. Porque é até bom ter um equilíbrio entre as posições, a gente recicla o nosso olhar. E todos os papéis são importantes. Olha só, a gente é sempre protagonista da nossa história, certo? E a gente é coadjuvante das histórias dos outros. A gente participa muito intensamente da trama de outras pessoas, mas de forma coadjuvante. Uma namorada sua, por exemplo. Você é coadjuvante da vida dela, e ela é a protagonista, certo? Mas você pode ter uma importância fundamental no rumo que a história dela vai tomar. Ao mesmo tempo, a sua participação na vida dela é fundamental para sua vida, para a sua história protagonizada por você, na qual ela é coadjuvante.

Cientista

Você e eu não podemos, na situação do buraco negro, comparar nossas percepções sobre o que vimos: eu só vejo uma cópia minha e você também só vê sua própria cópia. Não há um terceiro observador que possa ver simultaneamente dentro e fora do buraco negro. As leis da física se aplicam aqui. A não ser que você queira saber qual versão é realmente verdadeira.

Raimundo

Só que a definição de quem você é vem da sua performance como protagonista na sua vida ou como coadjuvante na vida dela? Você pode

